A PLEBE

ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO
As assignaturas começam sempre no dia 1.o do mez em que são tomadas
Numero avulso: Da semana $100; atrazado $200

Toda a correspondencia a EDGARD LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal, 195 — S. PAULO - (Brasil)
Redacção e Administração: Rua Cap. Salomão, 3-D (Sobrado) — Junto ao Largo da Sé

ANNO I -:- NUM. 3
23 de Junho de 1917
PUBLICA-SE AOS SABBADOS
Os annuncios na 4.a pagina são inseridos á razão de 300 réis por centimetro de columna

A camorra burgueza

Não tardará a vindicta da plebe

A gente endinheirada que até aqui ia gosando placidamente, num parasitario *dolce far niente*, a sua vida folgada de ladrões bem succedidos, começa a inquietar-se, a sentir-se incommodada, a ter as suas custosas digestões perturbadas pelas manifestações de descontentamento que, partindo dos recantos malsãos onde a plebe laboriosa abriga a sua penuria, já se vão fazendo ouvir nos bem cuidados arrabaldes da *urbs* em que se erguem, como uma affronta á miseria alheia, as deliciosas villas dos patricios modernos.

O nosso proletariado, cuja passividade nos ultimos tempos chegava quasi a desencorajar os militantes mais optimistas e traquejados, premido pelas condições intoleraveis a que o sujeita a exploração capitalista, agora levada ao paroxismo, vae, pouco a pouco, dando demonstrações de sua grande inquietação, que se manifesta, aqui, em queixas pronunciadas medrosamente, em surdina, ali em reclamações cautelosas e além em movimentos grevistas mais ou menos irriquietos e já inspirados por principios de dignidade social.

São os primeiros symptomas do grande choque entre os dois elementos antagonicos, os prenuncios da grande luta dos explorados contra o explorador, do opprimido contra o oppressor e que já não haverá, dentro dos exgotados recursos da odiosa sociedade burgueza, forças capazes de evitar.

A argentaria corja que, senhora da governança, do commercio e da industria, domina descricionariamente esta terra, confiante na aparatosa força armada mantida á custa do dinheiro arrancado ao povo laborioso e destinada á defesa de sua odiosa situação de privilegiados, julgou azado o actual momento de attribulações e miserias para fazer crescer as suas fortunas, cuja origem se liga a toda a sorte de falcatruas realizadas á margem do Codigo.

Dahi as explorações infames que, de mil fórmas, vem soffrendo a classe obreira.

Ao mesmo tempo que os salarios, já anteriormente irrisorios, foram reduzidos ao minimo, as horas de trabalho duplicaram, novas multas se estabeleceram, conjunctamente com um sem numero de descontos destinados a fins cada qual o mais revoltante.

Como a exploração exercida nos ergastulos do trabalho não lhes fornece o dinheiro bastante para que se lhes entulhe a guella hiante, a canalha dourada vai açambarcando os generos alimenticios, armazenando-os, provocando assim a sua alta, para depois vendel-os por preços fabulosos, muitas vezes já em máu estado e criminosamente falsificados.

E' a camorra burgueza em franca actividade, agindo livremente, sob os auspicios da legalidade, saqueando impunemente a população laboriosa, que, não podendo mais supportar esse horrivel estado de coisas, desilludida da efficacia da acção desses refinados pulhas que, dizendo-se seus representantes, se refocilam na gamella orçamentaria, — se dispõe a agir na defeza dos proprios direitos miseravelmente conspurcados.

Por isso, o descontentamento vae-se manifestando nas reclamações, nos movimentos paredistas e nas assembleias populares, tendendo a generalizar-se e a tomar maior vulto.

Sentindo o peso de sua grande culpa, os criminosos condecorados já se mostram inquietos e, mal disfarçando o pavor que os domina, reclamam insistentemente a acção policial contra os perigosos agitadores contumazes, que estão subvertendo a ordem social, arrastando para máu caminho o proletariado, cuja pacacez elevam ao setimo céu.

E a obra infame vae sendo posta em pratica com a perseguição aos grevistas e a tentativa — baldada embora — de desmoralização dos trabalhadores mais em destaque pela sua dedicação e actividade no meio obreiro.

Semelhante proceder sobre ser summamente odioso, é profundamente estupido.

Não será calumniando ou perseguindo operarios, cuja reputação está acima de qualquer duvida, que conseguirão deter a onda que avança ameaçadoramente.

Se os animasse, realmente, o louvavel intuito de, pelo menos, minorar a penuria do povo, começariam por libertar os desgraçados que enchem o tetrico casarão da Avenida Tiradentes para lá fecharem a sete chaves essa sucia de ladrões legaes que por ahi vive a ostentar as suas condecorações importadas do Quirinal e do Vaticano.

Mas como isso não farão, porque lobo não come lobo, caberá á vindicta da plebe soffredora cumprir a grande obra de justiça social.

Edgard Leuenroth.

Patricios e plebeus

A GUERRA

A QUE VENCERÁ

Guanabarinas

Rio, 18 de junho — *A policia carioca decidiu acabar de uma vez por todas com os anarquistas. O seu digno chefe, o grandessissimo jurista baiano Aurelino Leal, jurou aos seus deuzes não descançar o faro e as unhas enquanto não tiver liquidado a jente rebelde da anarquia, que não permite ao seu amo Venceslau dormir tranquilamente na pompa dos leitos prezidenciais. Proibe comicios, envia notas á imprensa, baixa ukases sobre ukases... e ainda esgarfuncha o craneo, já de si abarrotado de ciencia juridica, á cata de fórmulas e fórmas de perseguição. O seu ajudante, essa rapoza que se chama Bandeira de Melo, recebeu ordens formais e irrevogaveis no sentido de esbodegar-nos a obra de propaganda libertaria, trancafiando os nossos militantes, caluniando-nos, procurando, por todos os meios possiveis e até por meios impossiveis, cercear-nos os passos e os jestos. Um ataque de fobia... Como si os anarquistas tivessem medo de carctas e se assustassem com o primeiro papão que lhes surjisse pela frente, de caninos ameaçadores! É uma perigoza ilusão, essa do chefe Aurelino. — mas tal é o seu oficio e não serei eu que lhe hei de julgar assim ou assado a furia antilibertaria. Cada qual com a sua bossa... Entretanto, não perderei a ensancha de anotar e consagrar-lhe o pequeno ponto seguinte de historia contemporanea. Em 1816, o anarquista russo Pedro Kropotkine, vitima da ferocissima policia moscovita, viu-se obrigado a fujir da terra patria, depois de ter purgado durante dous anos, nos calabouços de Pedro e Paulo, o seu atrevimento de não achar o imperio do czar um rejimem deliciozo. Pedro e Paulo, é o nome da terrivel fortaleza na qual sucumbiram, durante os dous ultimos seculos, todos aqueles que constituiam a verdadeira força da Russia... Pois bem. Quatro dezenas de anos são passados. Estamos em 1917, em plena carnificina guerreira. É um dia destes o telegrafo nos annunciava que o anarquista Pedro Kropotkine entrou na Russia, a caminho de Petrogrado, livremente, com esse incomparavel contentamento intimo de ver as suas caras idéas anarquicas em marcha... E o czar? O czar está prezo, nas mãos do povo. E uma parte deste povo, dizem os telegramas, é de opinião que o czar de todas as Russias deve ser trancafiado nos calabouços da fortaleza Pedro e Paulo... Esse, o pequeno ponto de historia contemporanea, que eu ofereço, dedico e consagro ao chefe Aurelino, e cuja moralidade se enquadra perfeitamente na expressão do brocardo: «não ha nada como um dia depois do outro». A bon entendeur...* — **Astper.**

Velha asneira

O *Correio da Manhã* abespinhou-se porque um nosso camarada disse, no Rio, algumas duras verdades contra o sevandijismo da nossa grande imprensa, e veiu, num entrelinhado, condemnando a nossa propaganda, como desnecessaria e prejudicial aos interesses operarios no Brazil.

De parte as asneiras que escreveu sobre a questão social, dizendo que no Brazil não existe a questão operaria, como si aqui não houvesse trabalhadores e exploradores do trabalho, o que pretendeu o jornal carioca, assaz conhecido pelos seus indecentes processos jornalisticos, foi perfidamente fazer crêr que são agitadores extrangeiros que fazem propaganda anarchista no Brazil.

Entre os militantes das nossas fileiras ha, certamente, centenas de filhos de outros paizes, mas são brazileiros natos quasi todos os que, no momento actual, assumem a responsabilidade da propaganda. E, mesmo que fossem extrangeiros, estavam no direito de prégar as suas idéas, pois aqui vivem, lutam, trabalham e soffrem a exploração capitalista: O *Correio da Manhã* perdeu uma bôa occasião de ficar calado.

SERMÕES AO AR LIVRE

Aos que se nutrem de idéas correntes, em letra redonda, como exclusivo repasto, o criterio anarchista é de laboriosissima digestão.

Assim, agora, com a questão da guerra, somos, de quando em vez, acoimados de «alliadophilos» ou de «germanophilos» conforme o interlocutor que se nos depara — acontecendo até ser ás vezes esse interlocutor uma criatura que, supunhamos nós, devia saber occupar por um instante o nosso ponto de vista.

Em virtude das idéas dos nossos arguentes mais amiudados, a insidia que mais amiude nos é jogada é a de germanophilos.

Recebemol-a da parte de pessoas que estão longe de repudiar o imperialismo, as guerras, as conquistas e os estados; ou então da parte daquelles que, imprecando indignados contra a social-democracia germanica, acham bem que o gesto desta seja imitado do lado de cá da fronteira.

Como dizia Domela Nieuwenhuis em 5 de julho de 1911, prophetisando acertadamente sobre a guerra anglo-allemã, que andava no ar: «... Desde o momento que o Kaiser sabe que o proprio velho Bebel pegaria ainda numa espingarda e que do outro lado Jaurès faria o mesmo, já elle não receia o perigo.»

Porque não ha nada para manter e reforçar a «união sagrada» num paiz, como a "união sagrada" no paiz inimigo. Que o digam, em cada um delles, os jornaes burguezes — e os revolucionarios fieis. Para manter a fé dum «germanophilo, não ha como o exemplo de outro ... germanophilo.

Leon Vaz

Commentarios de um plebeu

Bombas anarchistas

Telegrammas de Buenos Aires informam que foram encontradas, nalguns pontos da cidade, varias bombas de dynamite. Outras, collocadas, no domingo passado, junto a uma usina electrica, explodiram na segunda-feira, não havendo a lamentar, como dizem as gazetas, senão alguns damnos materiaes e nenhuma morte de pessoa.

Accrescentam os telegrammas que essas bombas procedem de anarchistas, que as collocaram, nos pontos em que explodiram ou foram achadas, apoz violenta manifestação de desagrado pelos mesmos levada a effeito. E ainda que em virtude dessas bombas explodidas ou encontradas, foram detidos já e encarcerados numerosos anarchistas, sobre os quaes a policia portenha fez recahir as suas suspeitas.

Aquelles telegrammas não nos dizem mais nada, e porque nada mais nos dizem, vamos nós completar a informação, explicando aos nossos amigos e leitores e a todos aquelles a quem o assumpto possa interessar, a origem e significação das bombas argentinas.

As bombas de dynamite a que se referem os telegrammas de Buenos-Aires é obra exclusiva da policia desta cidade. São obra da policia portenha não só as bombas agora encontradas, explodidas ou não, mas todas as bombas que periodicamente apparecem naquella cidade, e não chegam a explodir ou, explodindo, matam sempre innocentes creanças ou infortunados operarios que se dirigem ao trabalho.

A policia fabrica estas bombas, a policia as colloca, a policia as faz explodir no momento aprazado. Isto é commum não só á policia argentina como a quasi todas as policias do universo, e, por isso, os anarchistas e tambem aquelles que o não são, chamam a esta policia e especialmente aos elementos que a compõem agentes provocadores.

A actividade destes agentes exercita-se, particularmente nos momentos graves de um paiz, em occasiões de grève ou em occasiões de fome. A policia, que sabe que os anarchistas são operarios intellectuaes e, portanto, orientadores daquelles que o não são, presentindo a gravidade do momento, e não podendo sem um motivo qualquer, apparentemente legal, deitar-lhes a unha e pôl-os fóra do paiz, se são extrangeiros, ou sendo nacionaes, enviál-os para a Terra do Fogo ou para a Nova Caledonia, projecta e leva a effeito uma serie de attentados.

Vê-se o resultado. No dia seguinte começa a caça ao anarchista, e, sob o pretexto de desordem e de bombas, é logo depois o anarchista expulso ou deportado.

Alem dos momentos de grève e de fome, que prenunciam o apparecimento de bombas nas ruas de uma grande cidade, ha ainda outros, e muitos, e entre estes aquelle em que os proprios agentes provocadores, atravessando a cidade ou o paiz longos periodos de repouso, receiam a perda dos seus cargos e as vantagens que os acompanham. Então, precisando justificar aos seus chefes a necessidades de serem mantidos nas suas funcções, concebem e executam os attentados. A burguezia treme, o governo apavora-se e os sujeitos riem.

Esta tactica das policias já é velha e vem de longe. Foi inaugurada pela policia russa em 1881, e entre as suas victimas contam-se alguns personagens de vulto, como Von Plheve, que foi ministro do interior, o gran duque Sergio e o general Bogdawovich. Na propria Argentina o attentado do Theatro Colon, em Buenos Aires, que tanto pavor produziu, foi obra de agentes provocadores.

Os anarchistas, aquelles que realmente o são e comprehendem o significado da idéa anarchica, não praticam nem se envolvem nunca em attentados imbecis, sem grandeza, nem objecto. Uma tal obra não póde ser o resultado de um ideal de justiça, mas d'um ideal de tyrannia, que é o ideal das policias.

Entende-se que estas palavras não as dirigimos aos anarchistas; os anarchistas não precisam dellas. Dirigimo-nos áquelles que ainda vêem o anarchismo através das bombas dos jornaes e que os jornaes, de accôrdo com as policias, attribuem sempre aos anarchistas. A esses diremos que a anarchia não é um ideal de morte, mas um ideal de vida.

Imprevistos

O millionario Charles Crane membro da missão norte-americana que foi a Petrogrado, estava, de certo, bem longe de imaginar, que em breve experimentava, pela primeira vez na sua vida, a inanidade e impotencia dos seus milhões defronte á consciencia dos homens. Habituado ás traficancias da sua terra, a corromper com o seu ouro os politicos do seu paiz, a dominar e a vencer as fingidas resistencias dos legisladores do seu Estado, achou maravilhoso e extranho que o seu ouro não podesse corromper uma simples creada de servir de Petrogrado. A esta creada, a este farrapo humano, flor de miseria e servidão, não seduziu o dinhero do millionario Crane, offerecido ás mãos ambas para que trahisse as companheiras que se achavam em grève. E como o seu ouro corruptor fosse nobremente repellido pela misera creatura, o millionario Crane teve de fazer por suas proprias mãos aquillo que os millionarios e os simples burguezes nunca pensaram que fizessem: — retirar de sob a cama os proprios e mal cheirosos detritos.

E' lamentavel que um millionario que tem ao seu serviço milhares de creaturas — os milhares de creaturas que lhe fabricam os milhões — tenha de se entregar a tão penosa tarefa. Console-se, porém, o sr. Charles Crane com os exemplos da Historia, que são numerosos e edificantes. Mas console-se, sobretudo, meditando que o povo que o recebeu e que deve a sua revolução e o seu começo de liberdade á solidariedade dos seus obreiros, podia muito bem e por motivos varios lembrar-se de applicar a sua exa. aquillo a que sua exa. fez ju's, tentando destruir, pela corrupção de uma operaria, a solidariedade que a ligava ás suas companheiras em grève.

Esta coisa que lhe não foi applicada e a que sua exa. largamente fez ju's foi a ponta de uma bota no macisso das costas.

R. F.

NÓS E A GUERRA

Conforme promettemos em nosso numero anterior, publicamos hoje, na quarta pagina, o manifesto sobre a guerra, profusamente distribuido pela Alliança Anarchista e no qual está contido o nosso criterio a proposito da situação internacional.

Recommendamos a sua leitura aos que alimentarem duvidas sobre a nossa attitude em face da conflagração.

Uma cruzada que se impõe

A libertação dos trabalhadores ruraes

Quem percorrer o interior deste Estado certamente ficará penalisado ante o espectaculo deprimento da miseria das suas populações.

Já nada diremos do analphabetismo: esse, se ostenta insolentemente nas grandes capitaes do paiz — não sendo, portanto, de admirar que a população do interior de Alagôas viva immersa na mais profunda ignorancia. O que queremos frisar é o estado de miseria e o consequente rebaixamento moral em que se acham os infelizes habitantes da zona rural.

A historia da miseria dessas populações e da riqueza dos grandes proprietarios é uma historia tenebrosa e, diremos até, é um sangrento corollario de massacres e espoliações.

A miseria e o villipendio dos habitantes do interior do Estado de Alagoas é producto de uma continua série de crimes e de um permanente despotismo do rico sobre o pobre, do herdeiro sobre o desherdado e do proprietario sobre o morador.

Esse despotismo vem de longa data. Principiou no dia em que se aboliu a escravidão negra, ainda continúa presentemente e não terminará emquanto não forem expropriados os grandes proprietarios cujas riquezas têm origem na espoliação. E essa expropriação não será um acto arbitrario e injusto: é a reivindicação dos direitos dos despojados e dos opprimidos, sendo, por isto, uma medida autorisada e imposta pelo sentimento de justiça e de amor ao proximo.

Os grandes proprietarios não hesitam em se apossar do terreno de um vizinho fraco e nós havemos, então, de ter escrupulos em realizar uma medida tão justa e tão humanitaria como é essa da expropriação dos usurpadores de terras?

Não ha muito tempo, criou-se uma lei que permittia reintegrar nas suas terras os trabalhadores que dellas haviam sido esbulhados. Mas essa lei não pôde produzir effeito porque os grandes proprietarios tiveram a precaução de destruir todos os documentos que podessem, no futuro, habilitar os lesados a rehaverem as terras. Hoje já não se falla nessa lei — mesmo porque a *nobreza* maltina está sendo gradualmente substituida pela *aristocracia* democrata e, si áquella muito prejudicava o inocuo decreto do então governador do Estado, a esta não convém de forma alguma a applicação rigorosa de uma lei que tem por fim garantir os direitos dos trabalhadores corridos de suas terras...

Além disso, deve se notar que não é só por meio da conquista violenta que se *adquirem* terras no interior deste Estado: os rapinantes endinheirados dispõem de muitos meios para conseguir que um trabalhador abandone de *motu proprio* o terreno que lhe pertence a troco de quantias irrisorias e, ás vezes mesmo sem receber indemnização alguma.

Quando a presa a despojar dispõe de elementos para resistir a um assalto, os grandes proprietarios recorrem a toda a sorte de picuinhas e chicanas até exgottar a paciencia da victima e forçal-a a capitular.

Contra esses processos cavillosos não ha lei, não ha governo, não ha força legal capaz: só a acção consciente de um povo conhecedor dos seus direitos e cioso da sua liberdade é que terá o poder de impedir que tão baixos processos sejam usados.

O que estamos affirmando não é invenção nem exaggero: é a expressão da realidade e a constatação dos factos.

Desse deploravel e iniquo estado de coisas resulta que a população rural vive acorrentada á miseria e não tem possibilidades de sahir de tão deprimente situação. E como poderão livrar-se da miseria esses bandos de criaturas que nascem desherdadas e sujeitas inappellavelmente ao *eito* do *senhor* de engenho?

Mas, aqui não se trata sómente de protestar contra esses abusos e de clamar pela punição dos culpados. Demonstrariamos uma deploravel curteza de vistas si se resumisse nisso a nossa acção. Trata-se de criar um ambiente moral e uma situação economica que para o futuro tornem materialmente impossiveis esses attentados ao direito do povo e que permittam á população rural livrar-se da ignorancia e tomar o seu lugar no carro do progresso.

E' sabido, é lei sociologica, que a libertação de um povo só pode ser obra desse mesmo povo.

Mas como poderão libertar-se da escravidão e da ignorancia em que jazem, umas criaturas a quem nunca disseram que o homem tem direito á satisfação de todas as suas necessidades normaes; que todos os homens têem iguaes direitos; que o amor e a solidariedade são as bases da perfeição moral; que a insubmissão é da condição *si ne qua non* da liberdade integral e, em summa, que fóra do circulo ferreo de lutas fratricidas, de egoismo antinatural e de moral acanhada em que vivemos existe um campo vasto onde os homens poderão adquirir livremente a felicidade? E quem poderá realisar essa cruzada da elucidação do povo sinão os homens idealistas e de boa vontade?

Pelo livro, pelo jornal, pela palavra, os homens idealistas deverão ir criando um ambiente moral e uma corrente de opinião que permittam ao trabalhador rural conhecer o meio de se libertar.

Maceió, 9 de junho de 1917.

Antonio Canellas.

O sol da nova Idéa

As imagens dos celicos devassos
Em negro pó desfeitas o ar semeiam;
Levadas pelos ventos revolteiam
As crenças divinaes em estilhaços.

Os deuses já morreram nos espaços,
Os Altares e os templos bamboleiam;
Os tronos d'ouro estalam ou baqueiam
E fogem os reis tremulos dos paços.

Dos credos sem sentidos as densas brumas
Se dissolvem na noite, quaes espumas
Nas areias da praia que reluz!

O mundo velho dorme em longa treva.
Emtanto ao longe vejo que se eleva
O sol da nova Idéa, a branca luz!

Teixeira Bastos.

E' um triumphador feliz e invejado. Faz commercio, ganhando muito dinheiro, sem pagar alugueis, sem pagar impostos, sem pagar siquer a agua e luz que os seus luxuosos estabelecimentos consomem.

Qual o segredo de tanta sorte? Simples *garçon* cahiu, nas graças de conselheiral capitalista e industrial, que precisava casar uma criada joven para ter editor responsavel para os seus prazeres.

E o casamento realisou-se. Mas, o felizardo não gostou de encontrar feito por outro o serviço que lhe cabia.

Gritou, fez escandalo e veiu a saber que o patrão, apesar de adiantado na casa dos setenta, fôra o auctor da proeza.

Reclamou. Taparam-lhe a bocca com notas do banco e promessas de valiosa protecção.

Esta não lhe tem faltado. O conselheiro-patrão deu-lhe o logar onde começou a fortuna e outros protectores valiosos o vão ajudando agora, não sabemos si desinteressadamente.

Esta historia é curta e assaz conhecida, o que não impedirá que o feliz triumphador seja dentro de alguns annos o honrado commerciante sr. Fulano, matriculado na Junta Commercial, e quando inaugurar o seu palacete tenha entre os convivas da festa o presidente do Estado, secretarios, prefeito de São Paulo, senadores, deputados e até o arcebispo D. Duarte.

Na sociedade actual é assim mesmo. Não se procura saber da moralidade dos individuos; o que se quer é que elle tenha um bom lastro metalico nos Bancos.

Granja Filho.

A republica dos "Briganti"

O governo federal, sentindo a necessidade de contentar a população, mandou, pelo seu orgam official, *O Paiz*, em magistral artigo, dizer-lhe que não ha motivos para apprehensões, pois que se approxima a época das vaccas gordas, que estamos já em dias de uma situação economica lisonjeira. A industria progride, a agricultura desenvolve-se como por encanto e diariamente apparecem compradores extrangeiros em procura dos nossos productos. O paiz enriquece e a prova é que o *nosso* commercio com o exterior apresentará este anno um saldo de vinte e dois milhões de libras esterlinas... para os exploradores.

Em favor desta these o articulista menciona uma indicação approvada pela «Sociedade Promotora da Defesa do Café», a qual tem por fim *acautelar* os interesses dos fazendeiros, dos cavalheiros de industria e do commercio, pedindo ao governo providencias para augmentar o numerario e facilitar assim, aos exploradores o credito bancario, assim como impedir que á proxima safra de café «seja sacrificada pelas circumstancias que ameaçam o seu transporte e a sua exportação...»

Segundo o parecer do citado plumitivo, a tanto por linha, se essas providencias forem tomadas, e que o governo já está pondo em pratica, entregando o paiz a banqueiros norte-americanos, inglezes e francezes, em troca de certos favores e de novos emprestimos, os saldos, os lucros dos negreiros, dos açambarcadores ascenderão a «proporções além da espectativa dos mais optimistas.»

O panegerista termina dizendo que só temos, portanto, motivos para esperar com serenidade o dia de amanhã, desde que esperemos trabalhando e produzindo.»

Sómente quem fôr cego deixará de ver que o Brazil vae sendo arrastado á guerra, vendido ao extrangeiro por um emprestimo de alguns milhares de contos e por algumas concessões favoraveis á entrada do café e dos cereaes nos paizes alliados, para enriquecer ainda mais os *nossos* especuladores e argentarios.

E' digno de nota o esforço que se realisa para facilitar credito aos capitalistas que exploram a agricultura, a industria e o commercio.

Evidentemente, estamos num bello paiz onde o capital tem todo o credito e o trabalho não tem credito algum.

E' com esse credito e com a riqueza que os capitalistas exploram as necessidades do trabalho e do consumo, triplicando os seus capitaes, mormente nesta circumstancia em que a guerra veiu facilitar novos e mais rendosos meios de exploração.

O paiz enriquece, isto é, os fazendeiros augmentam a producção e valorisam o café sacrificando o povo com a intervenção do Brazil na guerra, e roubam os pobres colonos forçando-os a trabalhar sem ganhar ao menos para matar a fome negra que os anniquilla.

Os industriaes ganham rios de dinheiro fornecendo mercadorias aos Estados em guerra, por preços fabulosos, roubando ao operario a ultima gota de sangue, o ultimo vintem, augmentando-lhe a jornada de trabalho, e em compensação, mutilando-lhe o salario até o ultimo extremo.

Os grandes commerciantes e açambarcadores roubam o contribuinte vendendo-lhe as mercadorias como quem vende os olhos da cara, a preços incriveis, certos de que ha de sujeitar-se ao terrivel dilemma: *Ou compra ou morre.*

Por sua vez, os governos municipaes, estaduaes e federaes, patrioticamente roubam o povo, augmentando os impostos, sellando todas as mercadorias, tornando impossivel a vida.

Capitalistas de todas as classes, e governantes de todas as repartições publicas, conlabulam e conspiram para exhaurir o povo, para transformar em ouro a sua pelle, os seus ossos, o seu sangue, pois essa materia contem uma energia de trabalho que é preciso transformar em capital sem fazer dispendio algum...

Os exploradores atiram-se sobre a plebe como lobos famintos, disputando-se mutuamente a presa, procurando cada qual tirar o maior quinhão.

Ahi tem o povo quaes são as funcções do governo do Estado, da autoridade, das instituições republicanas e democraticas.

Pensando um pouco sobre estas coisas, pode conhecer-se o valor da exploração agricola, industrial e commercial.

Mas ainda não findam aqui as actividades das *nossas* instituições economicas e politicas. Mau grado todas as declarações doutrinarias, juridicas ou philosophicas da tendencia egualitaria e liberal, escriptas na Constituição nacional e dos Estados, não é concedido ao povo o direito de reclamação e de protesto, de gréve ou de manifestação publica, porque a burguezia ordena a repressão violenta ao primeiro assomo de descontentamento popular ou operario.

De nada serve que os poetas, os jornalistas, os escriptores que mercadejam com a sua consciencia, trocando-a por uma côdea de pão que lhes é atirada pelos festeiros de Balthazar, como quem a atira aos cães leprosos, cantem as excellencias do regimen e as glorias dos patriotas da alta roda; é inutil que invoquem as grandes divisas da *Igualdade, Liberdade e Fraternidade*, de *Ordem* e *Progresso*.

Os factos estão ahi a constatar o triste espectaculo da miseria causada pelo roubo legalisado, e da inquisição instaurada pela brutalidade do funccionalismo publico.

De facto, estamos sendo martyrisados pelo regimen do chicote e do chanfalho, e succumbimos sob a republica dos capangas, dos negreiros, dos açambarcadores, dos vendilhões da patria.

Ainda supportamos a Republica dos "Briganti", que está clamando por uma revolução.

Florentino de Carvalho.

A tropa regular foi criada na apparencia para conter o estrangeiro, mas na realidade para opprimir o habitante.

J. Rousseau.

"Guerra Sociale"

Periodico anarchista que apparece nesta capital em lingua italiana.

Publica collaboração em portuguez e em hespanhol.

Preço da assignatura: 10$000 por anno.

Endereço: Caixa Postal: 1336 - S. Paulo.

Notas simples

«A Gazeta», o bem cuidado vespertino, tem publicado artigos e feito reportagem contra o jogo do «bicho». No entanto, o mesmo jornal, na secção livre, publica diariamente, a lista dos bichos que, segundo os seus palpites, devem dar. E não é só. Ainda ha bem pouco tempo, a referida folha publicou na dita secção o seguinte:

«Só é pobre quem quer! Só têm cadaveres os tolos! Só se matam os imbecis! Porque o Bicho é o melhor antidoto de todos os males».

Ora não posso comprehender tal campanha contra o jogo, se em outra secção do mesmo quotidiano se faz delle a propaganda, estabelecendo assim a duvida, nas pessoas de espirito fraco, que ficam sem saber por qual dos dois criterios optar: se jogar no bicho é bom ou mau. Sem ser nenhuma aguia de Haya, acho que é bom para o banqueiro e mau para o que arrisca o precioso *arame*. Sei que os leitores dirão não ser novidade alguma esta minha asserção. Pois apezar disso os tolos não deixam de fazer a sua fézinha.

Entendo que o cidadão é livre de gastar o dinheiro onde muito bem lhe agradar. A policia, porém, de vez em quando, assumindo grave attitude, pretende *moralizar os costumes*. E por isso multa e mette na prisão o cavalheiro que quizer contribuir para o progresso do bicheiro.

Hão-de concordar que isso é uma violencia, um attentado á liberdade...

Os individuos devem ter a plena liberdade de se desfazer do dinheiro naquillo que lhes proporcione maior prazer. A senhora policia, entretanto, assumindo uns ares de instituição *seria* e *honesta*, impede (talvez em nome da liberdade...) ao jogador de arriscar o seu *cobre* no burro ou no cavallo.

Dahi confirma-se que o papel da policia é portubar o socego, a tranquillidade de todos aquelles que ella muito bem entende.

Claro está que não defendo o jogo, pois, qualquer que elle seja, me repugna; mas entendo que a nossa *civilisada* policia não tem o direito de impedir a qualquer pessoa de gastar o dinheiro naquillo que mais o seduza, mesmo que seja para enriquecer os bicheiros ou os *cavalieri*... de Savoia.

JOLY

«A Plebe» em Bello Horizonte

Vende-se na casa dos srs. Giacomo Aluotto & Irmão, á rua da Bahia, 986

Gazetilha de Satan

O sr. Alfredo Ellis, senador da republica, desta bemaventurada republica, que por um simples «apoiado» dos seus senadores paga por dia e por cabeça á appetitosa cifra de cem mil réis, sem contar os accessorios, — enviou a um vespertino desta capital uma carta, que seria um incomparavel monumento de má-fé e burgueza deslaçatez, se não fosse antes, para mim, um monumento incomparavel da sua deliciosa e incomparavel candura.

Accusado (não por mim) de se prevalecer do seu officio de senador para lesar as rendas do Estado, deixando de lhe pagar certos e prediaes impostos devidos, sua exc., adduzindo a sua defeza e protestando com energia a sua innocencia de senador e contribuinte, diz, entre outras coisas sem interesse, o seguinte: «Ao meu trabalho, *exclusivamente*, devo a fortuna de ser um dos maiores contribuintes do Estado, procurando, na Lavoura, obter os recursos para a manutenção minha e da minha familia, cuja vida é das mais modestas e simples. Não sou, nunca fui, politico profissional. No dia em que não puder ser util a S. Paulo, deixarei a cadeira de senador.»

E termina: «Sr. redactor:—Assim como respeito a imprensa, exijo que me respeitem, porque sou um homem honesto.»

A candura, para mim, do illustre servidor da republica está nos termos firmes desses topicos que cito. Sua exa., como vêem, attribue, *exclusivamente*, (o gripho é de sua exa.) ao seu trabalho a fortuna de ser um dos maiores contribuintes do Estado; na lavoura procura sua exc. os recursos para si e sua familia; não é politico profissional, e não vivendo, portanto, da politica, deixará a sua cadeira de senador quando a sua utilidade, nesta cadeira, não existir para sua exc. Depois disto, e por tudo isto, sua exc. exige que o respeitem por ser ella, exc., um homem honesto.

E' possivel que eu nada possa retorquir, que as palavras de sua exc. com vivacidade enviadas a uma gazeta e por esta trazidas a publico alli fiquem inalteradas e incontestadas, e a verdade, que parece escoar-se dellas, brilhe para mim com o mesmo e inapagavel brilho com que luz para sua exc. Todavia, se assim não acontecer, se as affirmações do sr. Alfredo Ellis, no final da sua carta, não exprimirem o que pretendem e o que exprimem seja o contrario do que esperava e lhes pedia, declaro que não será minha a culpa, nem de sua exc., nem do meu amigo Romão, nem de ninguem, mas, exclusivamente, dos factos.

Dizem estes factos, por exemplo, que a fortuna de ser o sr. Alfredo Ellis um dos maiores contribuintes do Estado não se deve de modo nenhum ao sr. Ellis, nem exclusivamente, nem parcialmente. Tudo quanto o sr. Ellis possue, bens moveis ou immoveis, fazendas, predios, animaes, joias ou dinheiro, a mobilia da sua casa, os livros da sua bibliotheca, as pratas da sua meza, os seus *bibelots*, coisas de seu uso pessoal e de sua familia, o chapéo da cabeça, a escova dos dentes, o que veste, o que calça, o que fuma, o que come nada disto é de sua exc., nada disto lhe pertence, nem a si nem aos seus, maiores ou menores, vivos ou mortos, presentes ou passados, por herança, por compra, por titulo gracioso ou oneroso.

Os innumeros predios que o sr. Alfredo Ellis chama seus e o levam a protestar á vespertina gazeta o seu orgulho de um dos maiores contribuintes do Estado, nesses predios, nas paredes e madeiramentos desses predios, desde a base em que assentam á ultima telha do seu remate, desde os trabalhos do pedreiro e do carpinteiro, aos do pintor e do encanador, desde o que prepara, embaixo, a argamassa até ao que, em cima, sobre a fragilidade dos andaimes, a atira ás paredes para lhes formar o revestimento, em nenhum destes serviços, em nenhum destes actos e operações, sem os quaes a habituação humana só existiria nos desenhos dos engenheiros e nas plantas sem pêsdos constructores «porta e janella», — em tudo isto, quero crêr, o sr. Alfredo Ellis não teve e não podia ter a mais pequena e leve intervenção.

Os donos, portanto, desses predios, os legitimos, os insophismaveis senhores são todos aquelles que os ajudaram a erguer e a elles trouxeram o concurso do seu braço, da sua intelligencia e da sua vontade.

Sei que sua exc. vae dizer-me que era seu o capital com que pagou o trabalho dos operarios e que o dinheiro com que adquiriu os materiaes sahiu egualmente do seu bolso. Mas responderei a sua exc. affirmando-lhe que ainda isso não é verdade.

O dinheiro com que sua exc. pagou os trabalhadores que lhe construiram os seus predios e pagou os materiaes desses predios, não era de sua exc., não pertencia ao sr. Ellis, mas áquelles ou a outros trabalhadores.

Reflecta sua exc. um momento. O capital, segundo os varios economistas que o estudaram e sobre elle fizeram lentas e profundas indagações, proclamam sem distincção de escola nem de seita, que elle, o capital, nada mais é que o producto do trabalho accumulado. Ora como sua exc. não vae decerto imaginar que o trabalho de um politico seja um trabalho-riqueza, um trabalho-capital ou, em summa, um trabalho-trabalho, visto que a actividade de um politico não está no produzir, mas sim no consumir, segue-se que sua exc. o sr. Alfredo Ellis pagou aos seus operarios e pagou os materiaes dos seus predios que aquelles operarios construiram com um capital que não era seu, mas daquelles que o produziram e sua exc. accumulou.

Por outro lado, além do benemerito senador haver pago os serviços dos seus operarios com dinheiro que não era seu, dadas as razões já expostas e pelos motivos já referidos, ainda sua exc. o benemerito senador ratinhou esses serviços pagando por elles uma parte quasi nulla do seu valor, quando este valor, devida e nobremente computado, era, pelo menos, o valor total dos predios edificados.

Repare sua exc. que emquanto no areopago da republica, que tem o nome de senado, sua exc. abiscoitava num só dia e por uma hora de «apoiados» a somma incrivel de cem mil réis, os trabalhadores occupados nos seus predios e que ahi, infatigavelmente, construiam a sua reputação de um dos maiores contribuintes, percebiam por 12 horas de jornada bestial o salario phantasticamente generoso de cinco e de sete mil réis!

Considerada sua exc. nas suas virtudes e particularidades de proprietario urbano, a mesma ordem de raciocinios, com breves alterações, podia ser feita para examinar sua exc. debaixo do ponto de vista da sua outra qualidade, não menos estimavel e virtuosa, de grande proprietario rural. E aqui, certamente, as provações de sua exc. seriam mais duras e graves.

Bastar-me-ia, por exemplo, recordar este facto: é que não sendo o illustre sr. Ellis um agricultor de profissão, dos que lavram e cultivam a terra por suas proprias mãos, por suas proprias mãos semeiam, plantam e colhem, é á terra que, segundo diz sua exc., vae pedir os recursos para a sua manutenção e da sua familia!

Neste caso como no outro é patente a candura do sr. Ellis. O illustre senador voltaria, certamente, á lenda do seu capital, este capital adquirindo as fazendas para sua exc., com este capital pagando os trabalhos dos colonos, etc., etc., etc. Mas como os factos são os factos e estes já nos levaram a reconhecer que os predios que sua exc. possue na cidade e fazem de sua exc. um dos grandes contribuintes do Estado, não são de sua exc., mas de quem os construiu, pedreiros, carpinteiros, pintores, etc., assim tambem, motivos identicos levando-nos a conclusões identicas, reconheceriamos que as fazendas do sr. Ellis e das quaes, segundo confessa, tira o sr. Ellis os recursos para si e sua familia, não pertencem nem são propriedade sua, mas simplesmente e presisamente dos que lá estão e as trabalham e, trabalhando-as, as ajudam a produzir.

Estes são os factos, nitidos, patentes, visiveis e que sua exc. não terá agora a candura de combater sob o pretexto de que falamos linguas differentes. E porque estes são os factos e o sr. Ellis não poderá nem saberá destruil-os, é que nos assaltam e nos perturbam duvidas temerosas quanto a sabermos se sua exc. é, effectivamente, como disse ser e proclama, um homem honesto. E esta duvida, para mim, avoluma-se e aggrava-se com a certeza, tenebrosa e terrivel, de que, exactamente, ao contrario do que affirma deve sua exc. á sua funcção de senador, á funcção de senador dos seus avós e dos paes dos seus avós, a situação de privilegio e conforto que usufrue na vida e no mundo, sem a qual funcção o sr. Ellis, grande proprietario no campo e na cidade, não poderia existir.

Sabe demasiado sua exc., e sabem-no os seus collegas de areapago, que sem as leis que suas excs. approvam e, pela força, executam e impõem, não teriam outro remedio, nem sua exc. nem seus collegas, senão irem para a legião dos que trabalham e com elles construirem as casas em que moram, com elles fabricarem o tecido de que se vestem, com elles cultivarem aquillo de que se nutrem.

A' sua funcção de senador, pois, mais que á sua situação de privilegiado, se deve e se mantem na terra a secular injustiça e a torpeza secular que dividem os homens em seres que produzem e seres que consomem, seres que opprimem e seres opprimidos, senadores e camponezes, capitalistas e operarios.

Logo, o sr. Ellis, como senador, não é só inutil ao povo do seu Estado, é mais do que isso, é nocivo, é criminoso, é tyranno. E embora, pessoalmente, como homem, não seja, ao que dizem, dos peores, como capitalista é sua exc. um ser nefasto, e como senador e politico, nefastissimo.

Por isso não entendo nem entende o meu amigo Romão o protesto feito por sua exc. de ser sua exc. um homem honesto, viver *exclusivamente* do seu trabalho e, não sendo politico profissional, exercer funcções de senador á razão de cem mil réis por dia.

Alfredo Villa-Sêcca.

MUNDO OPERARIO

A greve da Comp. Textil terminou com a victoria dos operarios

Proseguem as greves do Cotonificio Crespi e dos Canteiros

Um grande comicio de solidariedade

Actividade das Ligas Operarias

A grève declarada na secção de ... do «Cotonificio Rodolfo Crespi» estendeu-se, ha dias, com a adhesão dos demais operarios da fabrica, que, assim, reforçaram a acção de seus companheiros contra o condecorado explorador.

O relissimo *cavalliere* de operetas tem lançado mão de todos os recursos ao alcance do seu bestunto para ver se consegue submetter os trabalhadores, cuja actividade veiu prejudicar os seus planos de colossaes *cavações*, feitas á custa do trabalho alheio.

Tentando amedrontar os grevistas, têm sido mandados alguns soldados, embrutecidos e bebados, ameaçal-os de porta em porta, intimando alguns a comparecer á delegacia e prendendo outros.

Os operarios, porém, têm sabido proceder com a devida energia.

Intimados varios delles a ir á policia, para lá seguiram todos, incorporados, entrando muitos e ficando os mais á porta.

Aos atrevimentos, ás malcriações e ás infames calumnias levantadas contra alguns de nossos militantes pelo delegadete Bandeira de Mello, responderam os operarios e operarias com a devida altivez e desassombro, repellindo-as incontinenti.

Sendo presos quatro dos grevistas, seguiram todos, immediatamente, em massa, para a Policia Central afim de reclamar a sua libertação, o que conseguiram.

Desorientado, o empertigado cavalheiro... da má figura lançou mão do recurso supremo para ver se conseguia vencer os trabalhadores, mandou fechar a fabrica.

Os grevistas não se impressionaram com essa fanfarronada do refinado explorador do trabalho alheio, continuando a realizar diariamente as suas animadas assembléas na séde da Liga Operaria da Moóca, da qual fazem parte.

◆◆

A Liga Operaria do bairro do Belemzinho, que já installou a sua séde á rua Joaquim Carlos, 20, sobrado, querendo tornar publica a sua solidariedade com os operarios grevistas do «Cotonificio Rodolfo Crespi», promove um comicio proletario, para a convocação do qual está distribuindo o boletim seguinte:

«AO POVO EM GERAL:

Ha dias os operarios do «Cotonificio Rodolfo Crespi» abandonaram o serviço, protestando contra a implantação do trabalho nocturno, contra as multas e contra a insignificancia dos salarios. Para não morrerem de fome e de fadiga e não serem roubados nos seus haveres com descontos feitos a capricho do patrão, viram-se na necessidade de reclamar um horario de trabalho mais equitativo e um salario approximadamente sufficiente para cobrir as mais imperiosas necessidades, bem como a suppressão de qualquer desconto.

Em resposta a tão justas e humanitarias pretenções, o moderno senhor feudal que explora esses operarios tratou de reprimir o movimento pela força bruta, pedindo para isso o concurso das autoridades.

Por esse motivo, em signal de protesto, os operarios que ainda continuavam trabalhando abandonaram o serviço, declarando-se solidarios com os seus companheiros.

Isso, porém, não basta. E' preciso, é imprescindivel que a solidariedade para com esses camaradas hoje em luta contra os deshumanos exploradores, seja prestada os trabalhadores, pelo povo em geral, cumprindo a divisa: *um por todos e todos por um*. A victoria destes operarios representa uma victoria do povo escravo e productor. E' um passo para a liberdade, para a emancipação dos opprimidos.

Convidamos, portanto a todos os operarios e operarias adultos e menores e ao povo em geral a comparecer ao grande comicio a realizar-se domingo, 24 do corrente, ás 6 horas da tarde.

NO LARGO S. JOSE'
(Belemzinho)

para demonstrar que os operarios grevistas não estão sós, que podem contar com o concurso de todas as classes trabalhadoras, de toda a população proletaria.

Companheiros:

Este comicio, com a presença de todos, deve ser um verdadeiro expoente da solidariedade operaria, de todos os que teem sentimentos de justiça e aspirações de liberdade.

Viva a solidariedade operaria!

Vivam as reivindicações populares!

A COMMISSÃO ORGANISADORA».

Cessou o movimento da Companhia Textil

Convencido de que baldadamente continuaria a resistir ás justas reclamações dos operarios, os directores da Companhia Textil resolveram reactivar os trabalhos, concedendo-lhes o que elles exigiam.

Note-se que os taes burguezes haviam fechado a fabrica e declarado dispensados todos os grevistas!...

Quando os trabalhadores sabem proceder com energia, os exploradores têm forçosamente de ceder.

Sirva esse facto de exemplo.

Os Canteiros

Os grevistas continuam dispostos á luta

A greve dos canteiros de Ribeirão Pires, Cotia, Itaquera e Louveirás, continúa no mesmo pé.

Os operarios, abroquelados com a justiça da sua causa, não desistem das suas reclamações, aliás muito modestas, e os patrões, dominados pela ganancia incontida de sangue-sugas sociaes, tentam ainda vencer os canteiros pelo cansaço e por meio de intrigas e estratagemas.

Os grevistas, porém, conservam-se decididos á luta, que só abandonarão com a sua victoria

Liga Operaria da Moóca

Inaugura-se a sua sede com uma enthusiastica sessão de propaganda

Continúa a reinar grande enthusiasmo no seio da Liga Operaria da Moóca, cujo numero de socios cresce de dia para dia.

Afim de inaugurar a sua séde, foi realizada uma sessão de propaganda no sabbado passado, á qual accorreu um numero consideravel de operarios e operarias, tendo muitos de se agglomerar á porta.

Alguns camaradas e seus companheiros, discursaram, e, falando da questão social, demonstraram que a organização trabalhadora só corresponderá ás necessidades do movimento tendente á emancipação proletaria, se não se deter nas lutas para as pequeninas e nullas melhoras immediatas e, ao contrario, trabalhar com o fim de conduzir a classe trabalhadora á Revolução Social.

As ideias dos nossos companheiros foram acolhidas com enthusiasticas demonstrações de sympathia.

Foi uma bella noitada de propaganda, que terminou com as rubras estrophes da «Internacional».

Foi fundada a Liga Operaria da Lapa e Agua Branca

No Cinema-Theatro da Lapa e com a presença de algumas centenas de trabalhadores, realizou-se na quarta-feira, á noite, uma reunião convocada afim de ser constituida a Liga Operaria daquelle popular arrabalde.

O companheiro Edgard Leuenroth, depois de falar sobre a situação deseperadora do proletariado e de patentear a necessidade da luta contra a dominação da burguezia, deu leitura, acompanhada das necessarias explicações, das bases de accôrdo compiladas pelos reorganizadores da União Geral dos Trabalhadores e adoptadas pelas ligas da Moóca e do Belemzinho.

Consultados, os assistentes approvam-n'as, devendo essa approvação ser ratificada na primeira assembléa da Liga, convocada pela Commissão Organizadora, para a qual foram indicados oito operarios.

As listas de adhesões distribuidas reuniram um bom numero de socios.

Proletarios: ha trez coisas a destruir: Deus, o Poder e a Propriedade, e uma coisa a estabelecer: a Justiça.

Cezar de Paepe.

«A Plebe» no Rio

E' encontrada á venda nos seguintes pontos:

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro, vendedor de jornaes.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 105 engraxate.

Café Criterium, largo do Rocio, 32.

UMA "ENQUÊTE" d' "A PLEBE"

A questão social no Brazil

O que dizem as pessoas de destaque na nossa vida publica

A questão social, cuja solução a guerra está precipitando no velho continente, tambem existe no Brazil?

Pode parecer absurdo que ainda se formule semelhante pergunta; no entanto, de quando em vez, ella apparece em letra de forma até nos quotidianos considerados como de maior responsabilidade.

Ainda agora, a proposito das agitações operarias verificadas nesta capital e em outras cidades, em consequencia da terrivel situação dominante, têm surgido por ahi varios plumitivos affirmando, assim com ares cathedraticos, serem as mesmas obra da acção de agitadores profissionaes, pois que nesta região da America a luta entre o Capital e o Trabalho não tem razão de ser.

Julgamos, por isso, bastante opportuno fazer uma *enquête* sobre esse palpitante assumpto, esforçando-nos para que sobre elle se pronunciem as pessoas de mais destaque em todos os ramos de actividade da vida publica deste paiz.

Nesse sentido formulámos um questionario, que estamos dirigindo a literatos, jornalistas, scientistas, politicos, etc., esperando poder talvez no proximo numero dar publicidade á primeira resposta.

Verdades que não se dizem

O operario nasceu para construir, para crear; o militar, para destruir, para matar. Logo, o operario e o militar são dois elementos antagonicos. Portanto, deve o operario fazer com o militar o que faz o lavrador com as formigas que devastam as terras que elle cultiva.

◆ ◆

O progresso não se tem realizado por causa dos governos, mas apesar delles e contra a sua vontade. Logo, os governos são nocivos á humanidade; portanto, devem ser abolidos.

◆ ◆

Os patrões procuram subtrahir aos empregados a mais elevada somma de energia productiva que puderem e pagar-lhes o mais mesquinho salario; os empregados, por sua vez, fogem ao trabalho o quanto lhes é possivel, e desejam sempre ganhar um melhor ordenado; portanto, são inimigos reciprocos. O que devem fazer, pois, os que formam a maioria e que tiverem mais direito á vida, é congregar suas forças e exterminar os vampiros que lhes sugam o sangue.

◆ ◆

Bilac affirma — e o governo o secunda nessa affirmação — que o exercito é o filtro onde se depura o caracter; ora, no exercito aprende-se a matar e a saquear. Logo, o homicida e o ladrão são homens de caracter depurado. Estão legalizados o homicidio e o roubo. Rasguem-se, portanto, os codigos e fechem-se as prisões.

◆ ◆

As habitações, os alimentos, as vestes, tudo o que existe e que é necessario á humanidade foi e é criado pelo braço do homem. Sem o trabalho nada existiria: ora o padre come, bebe e veste-se sem trabalhar. Logo, come, bebe e veste-se á custa dos que trabalham.

Ornazi Costa.

A venda d'«A Plebe» em S. Paulo

Nesta capital, *A Plebe*, além de vendida nas ruas, é encontrada nos seguintes pontos:

Agencia de jornaes, do sr. Antonio Scaluto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de engraxate do largo da Sé n. 11

Livraria Moderna, Avenida Rangel Pestana, 169.

No engraxate do largo da Sé, 4.

O manifesto da Alliança Anarchista

Para a publicação na secção livre do *Estado de São Paulo* do manifesto da Alliança Anarchista que inserimos em outra parte do jornal, foi aberta uma subscripção para a qual concorreram os camaradas seguintes:

Nome	Quantia
R. F.	5$000
J. Moreno	1$000
F. Aroca	1$100
E. Lopez	1$000
A. Moraes	1$000
J. Otero	$500
R. Felipe	1$000
Cleto Trombetti	5$000
Silvio Antonelli	2$000
Angelo Canessa	$500
Piero Alfiero	1$000
Edgard Leuenroth	3$000
Egisto Colli	3$000
Cesar Belinghini	1$000
F. Sipetz	1$000
C. Ciuffi	5$000
Pereira da Silva	3$000
Bernardo Amato	2$000
Alliança Anarchista	10$000
P. Escudelario	2$000
Meyer Feldemann	3$000
E. Brito	18$000
João Mantovani	1$000
P. Arches	1$000
José Prol	1$000
Antonio Abranches	10$000
V. Corrêa	30$000
Antonio M. Corrêa, Marink.	2$000
Serafim Scansoni	3$000
Ulisses Gragnani	1$000
Victorio Grapelli	1$000
G. B.	1$000
Fioro R.	1$500
E. Tugnoli	1$000
A. Sante	1$000
Victorio B. S.	1$000
Frederico Belluitani	1$000
	133$000

Ao *Estado* foram pagos 230$; faltam, portanto, ainda 97$, que adeantou um camarada.

Aquelles que desejarem contribuir para esta subscripção, enviem as suas contribuições para o endereço d'*A Plebe*.

DR. ROBERTO FEIJÓ
ADVOGADO
Rua 15 de Novembro, 27-1.º andar

NATHANAEL PEREIRA

HORA PROPICIA

"Diante de certas acções praticadas pelo homem dá vergonha á gente de pertencer á familia desse animal".

M. C. de Paula Teixeira

◆ ◆

"Até bem pouco tempo eu supunha que o meu semelhante fosse muito melhor do que é".

...

Mendigo

Reduzir o homem á escravidão é uma tyrannia abjecta; á mendicidade, uma vileza inqualificavel.

Contradigamo-nos:—diante da transformação do teu titulo, homem do trabalho, titulo que uma grande maioria já considerava deprimente, arrazoando comsigo que ser proletario é ser escravo, importa, ainda que a contra-gosto, raciocinar um pouco, mesmo agora, que, de dentro da sua felicidade, os eleitos da fortuna, apavorados, ou condoidos da tua desgraça, espiam para o teu lar desprovido e buscam minorar a tua miseria, com um obulo irrisorio...

Pensa um pouco, trabalhador:—Não foste tu o factor de tudo quanto existe de util? o cultivador dos campos, o criador paciente dos gados, o fabricante do queijo e da manteiga, das conservas alimenticias, o tecelão de todos os estofos, o constructor das habitações, das escolas, dos palacios, das usinas, dos laboratorios de todas as especies, das estradas de ferro, dos grandes transatlanticos, das linhas telegraphicas e telephonicas, dos carros, das carruagens, dos automoveis, dos aeroplanos, dos dirigiveis?... Não és tu que desces á profundidade dos mares e ás entranhas da terra para lá ir buscar a perola e o coral, o ouro e o diamante, o petroleo, o ferro, o carvão de pedra, que são o poder e o fausto dos teus senhores?... Não foste tu ainda que dotaste o queda dos rios de um pederoso curso de navegação e o selo das matas e das campinas de estradas transitaveis? que dotaste as grandes cidades de todos os confortos desejaveis, taes como as installações sanitarias, por cujas galerias immundas e repugnantes rastejas, á noite, emquanto outros bebem champanha nas casas ás quaes acorre a fina flor da sociedade? das redes de electricidade, em cujos fios conductores te fulminas a meude, na faina de manter continuadamente a energia que vai incandescer os candelabros e os lustres dos teus senhores, ou aquecer os seus fogões nikelados, a agua de suas banheiras de esmalte branco?... E, entretanto, como é que sendo tu o factor de tudo isso, assim te vemos agora estendendoa tua mão vasia áquelles pelos quaes tanto fizeste, afim de que elles te dêm, por esmola, espalhafatosamente, a ti que és mendigo, a insignificancia de um pedaço de pão, a ninharia de um trapo?!... Pois tu não és o continuador da obra do teu ascendente, ou não vens tu mesmo, ha vinte annos, ha trinta annos, nesse labutar sem descanço, cheio de inquietações pelo dia de amanhã, accumulando com o teu trabalho os milhões que te escravizam e que te atiram na indigencia, porque, na tua preoccupação de produzir, deixas a outro a tarefa de amontoar?

Como é que, neste momento angustioso da historia, dentro do qual se está escrevendo a pagina mais tremenda da especulação do homem, pelo proprio homem, como é que és tu, o productor de tudo, o factor da abastança, que estás sendo e que continuarás a ser, a victima da carencia de tudo?...

Emquanto trabalhavas na guia do arado, ou pascias o gado e as ovelhas, emquanto brandias o machado, ou guiavas a semeadeira, emquanto os teus olhos se fixavam nos manometros das machinas e a tua attenção convergia toda para os misteres de que resultam os productos essenciaes á vida, dize-nos: que é que faziam os teus bemfeitoras de hoje?...

Examinavam as contas de juros de seus capitaes, repimpados em fôfas cadeiras de mola flexivel e couro da Russia, ou verificavam a exactidão dos balancetes que os seus guarda-livros lhes apresentavam. Andavam como teus representantes, quer no paiz, quer no extrangeiro, em landaus abertos a dar e a aparecer em recepções de luxo, a offerecer e a receber grandes banquetes, chamando-se de politicos eminentes, de diplomados e de estadistas e esbanjando sem regra e sem piedade, em proveito proprio, o suor de sangue que tressuaste... Eram e são até hoje os privilegiados para os quaes se restringe o fabrico dos vinhos finos e dos bons manjares, das joias, das diversões delicadas, das temporadas lyricas, das estações balnearias, dos clubs de gosto requintado, dos salões aristocraticos... Eram e são até hoje os reis e presidentes, os senadores e deputados, os chefes de policia, os ministros plenipotenciosos e de estado, os almirantes e generaes, emfim todo o alto funccionalismo publico, toda a casta protegida do grande commercio e da prepotencia capitalista, em torno dos quaes pullula uma multidão de excrecencias sociaes, taes como: os esbirros e os secretas, as avalanches dos exercitos e das marinhas armadas, o numeroso pessoal dos estaleiros de guerra e de uma infinidade de secretarias inuteis, os pequenos commerciantes, os agiotas, os estabelecimentos bancarios e mais um grande numero de instituições burguezas, como sejam: as companhias de seguros, as sociedades mutuas de peculios, as agencias de collocação, as casas de penhores, caixas economicas, etc., que nada produzem, mas que muito consomem.

E hoje, misero mendigo, emquanto te consideras feliz porque te dão uma esmola, um pedaço de pão que devia amargar na tua bocca; emquanto algumas dezenas de milhões de homens, miseraveis como tu, fascinados por uma falsa noção de patria, ou amedrontados pela rigidez da disciplina militar e pela severidade das leis decorrentes de um dever civil ficticio, se massacram, que é que esses teus caridosos bemfeitores estão fazendo?... Duplicavam, por ventura o numero dos operarios de suas fabricas para que haja abundancia de todos os generos uteis?... Interpuzeram, de qualquer modo a sua influencia junto do Kaiser, de Francisco José, de Poincaré, de Jorge V e do Czar, para impedir que se conflagrasse o velho continente, em virtude de tendencias expansionistas, de antigos odios contidos e de rivalidades industriaes?... Estão, de alguma maneira, procurando conjurar a dilatação dessa guerra feroz, que tanto rebaixa o nivel da dignidade humana, e que está contribuindo para a tua situação afflictiva?...

Nada disso, homem pobre, nada disso, trabalhador honesto e mendigo!... Elles continuam levando a mesma vida facil, repleta de prazeres, porque já lhes armazenaste farta provisão de viveres, de roupas e de ouro. A elles, neste momento, só uma coisa atemoriza; é o receio de que abras os olhos, de que te reconheças o unico ser util da organisação social, e que, mal educado como estás, por elles mesmo, no regimem de fazer valer direitos pela força, consciente da tua força a em pregues na reconquista do que é legitimamente teu, ao que legitimamente pertence á familia humana.

A caridade, mendigo, a caridade que esparrama nikeis e coisinhas, é uma acção vergonhosa: praticá-a é covardia, sujeitar-se a ella é covardia. E, neste momento, da parte dos magnatas, salva honrosas excepções, que as ha, ella é, ou o pavor da tua vingança, ou o pretexto para exhibições de uma philanthropia ridicula, para as alegres festas da caridade, nas quaes os ricos se divertem como em qualquer outro desporto.

BENJAMIN MOTA
ADVOGADO

«A Plebe» em Campinas

E' encontrada á venda na agencia de jornaes do sr. Antonio Albino Junior.

Correio plebeu

RIO — A. Vasques: Seguirão semanalmente os 20 exemplares. Os 5 do n. 1 foram remettidos. Poderás pagar ao Macedo, na Federação. Saudações dos plebeus.

S. Paulo — F. O.: Expedimos o n. d'«A Lanterna» pedido.

? — Moys Paby: Os seus versos foram entregues á «censura» do poeta plebeu. Aguardemos a sua sentença.

RIO — Lacerda: Agradeço-te as interessantes traducções. Com mais vagar responderei á tua. No manifesto que hoje publicamos está contida a minha maneira de encarar a guerra. Saude! — E.

RIBEIRÃO PRETO — J. L.: Recebemos sua carta. Gratos pelas referencias. O jornal continuará a ser remettido.

S. PAULO — J. P.: De bom grado acceitamos que condiga com o programma bem definido do jornal. A solução da questão social não deve e não pode ficar para a geração vindoura. Aos contemporaneos está destinada essa delicada tarefa. Começamos a remessa da folha para o seu endereço.

ESTANCIA — D. C. Lima: Os seus escriptos estão destinados á *Lanterna*, na qual a campanha ao clericalismo será especializada. O seu 1º numero sahirá dentro em breve.

PORTO ALEGRE — Cecilio Villar: O "pampeiro rebelde" não transportará mais nada para as plagas onde domina S. M. Beatifica D. Queixada?

PITANGUEIRAS — Zé Ninguem: A correspondencia sahirá no proximo n. Registramos o novo assignante.

«A Plebe» em Cataguazes

E' encontrada na Agencia do sr. Fenelon Barbosa.

A Intervenção do Brazil na guerra

A Alliança Anarchista ao Povo

A Alliança Anarchista, á qual adheriram mais de trinta organizações libertarias e de classe, além de um grande numero de companheiros não organizados e que conta com a solidariedade de outros grupos anarchistas existentes nos Estados da Federação Brazileira, faltaria á sua missão se nesta hora angustiosa para todos, em que tragicos acontecimentos se annunciam, esquecesse que é nos momentos historicos que os partidos e os homens de idéas devem, a todo o transe, assumir a responsabilidade dos proprios actos e proclamar sem vacillações, nem tibiezas, o que pensam e os ideaes que professam, que defendem e pelos quaes se batem.

Calarmo-nos, nesta hora, seria não só uma attitude inexcusavel, de inutil covardia, mas um acto certamente imperdoavel e de traição.

Assim como em todas as nações belligerantes, antes e depois das declarações de guerra, os anarchistas não hesitaram em manifestar o seu pensamento sobre a conflagração, suas causas e consequencias, assim tambem os anarchistas brazileiros, os anarchistas que vivem e labutam no Brazil, no momento em que esta nação é arrastada ao conflicto, não se furtam á necessidade de affirmar, solenne e publicamente, o que pensam e sentem relativamente ao actual estado de coisas.

Não sabemos se este manifesto será bem acceito pela maioria do povo brazileiro numa hora de enthusiasmo e exasperação, como ignoramos se o nosso gesto irá provocar perseguições e represões para nós e para os nossos amigos. Mas temos um dever a cumprir e o cumpriremos sejam quaes fôr as consequencias que este acto de hombridade e de sinceridade nos possa acarretar.

* * *

A mentalidade anarchista é uma mentalidade nova. Constrangidos a viver num mundo decrepito, em continuo esfacelo, e cuja existencia só com guerras e oppressões de todo o genero é possivel perpetuar, os anarchistas, pelo espirito, pela vontade, pelas aspirações pertencem a um mundo que ha-de vir.

Nascidos aqui ou além, extrangeiros em todas as patrias, somos inimigos de todos os governos, de todas as classes privilegiadas e amigos de todos os povos, defensores de todas as victimas.

Devido, portanto, a essa mentalidade nova, inteiramente liberta de preconceitos, graças ao caracter essencialmente universal da doutrina professada, os anarchistas, submettendo os proprios sentimentos ao imperio da razão, reflectida e serena, falam da guerra e das causas que a provocaram como das responsabilidades directas que na mesma têem os governos, sem se deixar arrastar por sympatias ou antipatias, que, dados os preconceitos ambintes e um exame superficial dos acontecimentos, podem parecer legitimas e de cuja sinceridade nem sempre é licito duvidar.

Nós não vimos, portanto, defender, nem poderiamos fazel-o, o pangermanismo, seus principios imperialistas, seus methodos e aspirações. O que essa doutrina representava para o mundo e para o povo germanico em particular, nós os anarchistas o tinhamos denunciado ha muito. Contra o espirito autoritario do prussianismo, que se tinha apoderado até da Internacional e que nestes ultimos annos era criterio dominante nos partidos socialistas de todas as nações, nós os anarchistas, tinhamos declarado guerra desde quasi cincoenta annos. O nosso procedimento nos valeu a expulsão de todos os congressos ditos socialistas e toda a sorte de calumnias por parte daquelles que hoje — em nome sempre do socialismo — de um socialismo politiqueiro e, conforme os casos, nacionalista — se juntaram aos sequazes de outros imperialismos para açular odios contra o povo germanico, cuja responsabilidade é grande, mas que não obstante isso é dever de todos quantos acreditam num amanhã de paz e de justiça, ajudar a libertar-se daquelles que o opprimem e enganam, tornando-o matador e feroz. Tanto mais que seria erro sustentar que da guerra toda a responsabilidade cabe ao povo allemão, pois se é facto que foi o governo germanico o primeiro que, escolhendo a hora propicia, desembainhou a espada, em todas as nações as espadas se estavam afiando para a guerra que, mais tarde ou mais cedo, fatalmente teria de explodir. Pois a guerra era e é a consequencia inevitavel de tudo isto que se chama o regimen capitalista, o militarismo, as teorias imperialistas e as rivalidades de raça, mantidas e alimentadas pelos governos e pelos grupos de financeiros de um ou mais paizes.

Na França, quando Poincaré subiu ao poder, Hervé, o Hervé de hontem, escrevia: *C'est la guerre, mais nous avons aussi les poings carrés*... para impedil-a.

Mas a guerra veio, e alastrou-se e alastrar-se-á ainda mais.

O Brazil já entrou no conflicto; a sua neutralidade periclitante era fatal que acabasse. O incidente do *Paraná* foi o pretexto fornecido pelos truculentos governantes teutonicos.

Nós, porém, affirmaremos, com a nossa franqueza habitual, que mesmo sem aquelle pretexto o Brazil seria, mais ou menos dia, irremediavelmente arrastado á chacina. Assim o impunham os seus exigentes credores, assim o complexo das circumstancias politicas e economicas o determinava, assim o exigiam todos os que a guerra ou o estado de guerra virá enriquecer ou eximir de importunas responsabilidades.

Nós não negamos que haja um sentimento nacional offendido, este sentimento, porém, é exclusivo das massas populares. Elle, não existe nem nos governantes nem nas classes privilegiadas. Nestes o sentimento nacional traduz-se no simples calculo, na intriga soez, na baixa politiquice o, digamol-o sem rebuço, num criminoso e hediondo mercantilismo.

O sentimento nacional, para os governos e a burguezia, é a possibilidade de auferir lucros fabulosos, roubando a patria, que fingem pôr acima de tudo, e reduzindo á fome o povo ingenuo que elles, pelo enthusiasmo ou pela força, arremeçam para a carnificina e para a morte.

A America do Norte ahi está como clara confirmação do que avançamos. O governo dos Estados Unidos, os grandes trustistas americanos, que não se comoveram grandemente com o fim do *Tubantia*, que se proclamaram mais que neutralistas, pacifistas, pois para elles a neutralidade consistia em fornecer a caro preço munições e viveres aos belligerantes, mesmo aos teutonicos por meio da Hollanda, só no dia em que viram os seus negocios paralyzados ou reduzidos pela acção dos submarinos, se lembraram que havia uma dignidade nacional offendida e uma causa de liberdade pela qual era dever baterem-se... continuando no fabrico de munições, de armamentos, de navios e no açambarcamento dos generos de primeira necessidade.

* * *

Expondo estas considerações sobre a realidade dos factos, nenhuma illusão acalentamos quanto á possibilidade de que ellas cheguem a substituir a exaltação dominante no povo, incapaz, no momento, de qualquer reflexão.

A reflexão virá depois, determinada pelos acontecimentos, e, embora muitos hoje nos chamem de loucos, de sonhadores, ou mesmo de bandidos, que é preciso exterminar, ou de vendidos aos teutonicos, amanhã estarão seguramente do nosso lado.

Reafirmamos portanto a nossa aversão a uma guerra que é de povos porque são os povos que a fazem, mas que não é em parte nenhuma emprehendida no interesse do povo nem para o povo.

Todas as invocações feitas pelos belligerantes á justiça, á fraternidade e ao direito para se justificarem, não nos commovem nem abalam, pois sabemos que pretextos tão sympaticos occultam toda a avidez politica e economica dos Estados e das classes privilegiadas.

Se esta guerra fosse a guerra de um povo que quer libertar-se e libertar, nós saberiamos, sem espalhafatosos gestos, tomar na luta o nosso logar. Mas recusamo-nos intervir numa contenda onde o nosso papel seria o de simples instrumento de morticinio. Como a maioria, supportaremos as penosas consequencias deste conflicto, mas é certo que o nosso assentimento a elle nem pela violencia poderá ser obtido.

E isto não porque tenhamos sympatias especiaes por esta ou aquella nação, mas porque, amanhã, quando tivermos de reedificar o que foi destruido e recomeçar a lucta para a frente, reactivar a marcha da humanidade para o reinado da paz, d'uma paz nem teutonica nem latina, mas a paz no trabalho e na justiça para todos, — amanhã, terminada a chacina monstruosa, passado o vendaval de loucura sanguinaria que desabou sobre os homens e estes, do alto das ruinas fumegantes, contemplarem a obra de devastação e de morte, perguntando-se, emfim, porque e para que se bateram, — nós anarchistas queremos estender-lhes a nossa mão limpa de sangue e dizer-lhes, qualquer que seja a sua raça ou a patria em que tiverem nascido: *Irmãos, a guerra maldicta levou comsigo homens e coisas respeitaveis, sacrificou innocentes, devastou os campos, arrazou cidades, e o luto e o pranto enchem a superficie da terra. Mas a vida é continua e continuamente ella refloresce. Recomecemos, pois, a luta, mas recomecemo-la eliminando as causas que nos levaram ao fratricidio.*

* * *

Nós os anarchistas sabemos bem que a nossa opposição á guerra, neste momento, tem apenas o valor de um gesto, de uma attitude, e nada mais. Mas a nossa abstenção á guerra dos outros não deve nem nos pode fazer esquecer a nossa propria guerra, a unica necessaria e honesta, a unica urgente e inadiavel, pois que tende á realisação de uma ordem de coisas em que os homens não precisarão, como hoje, bater-se e matar-se entre si, ou seja na defesa de uma patria que ninguem atacará ou na conquista desse pedaço de pão, que será facil e abundante.

E' isto utopia? Seja, muito embora. Sabemos ao menos porque lutamos, sabemos que a causa que defendemos é a nossa propria causa. Não será a avidez de banqueiros, sejam estes de Francfort, Londres ou Nova York, que nos levará á luta com irmãos nossos, que não conhecemos, mas cuja solidariedade sentimos através de continentes e fronteiras.

Nós os anarchistas reaffirmamos a nossa fé na fraternidade universal, fraternidade cuja realisação, na terra, só será possivel quando todos os governos forem abolidos, a propriedade patrimonio commum de todos os homens e no mundo houver uma só e unica religião: — a do trabalho.

* * *

Eis ahi quanto nos importava dizer. E como é possivel que, dia mais, dia menos, a nossa voz seja abafada e, os que nisso tenham interesse, nos attribuam intenções que nunca tivemos ou palavras que jamais proferimos, ahi fica a genuina expressão do nosso sentir e o nosso pensamento e acção claramente definidos.

Continuaremos a nossa propaganda e a nossa obra de redempção, continuaremos na defesa dos desherdados.

Porventura a tregua dos partidos, a união fraternal entre nacionaes e alliados impede aos açambarcadores das farinhas, aos trustistas, aos monopolizadores de continuar a obra scelerada de matar o povo á fome?

* * *

Não podemos levantar-nos em defesa de uma patria que não temos. Mas no dia em que, num recanto qualquer do globo, aqui ou além, existir uma patria que seja de todos, e de todos as riquezas lá existentes, uma patria regida pela solidariedade e pela justiça, onde não seja possivel a coexistencia dos que trabalham e morrem á mingua e dos que se locupletam sem nada fazer, nesse dia e nesse logar do globo nós os anarchistas teremos tambem a nossa patria pela qual saberemos lutar e saberemos morrer. E se a fortuna quizer que esse ponto da terra, esse rincão precioso seja o Brazil, será nesse dia, o Brazil a nossa patria e por elle ardentemente nos bateremos.

Hoje não. Nesta hora recusamos a nossa intervenção na luta, luta que é travada no interesse dos que se apoderaram do Brazil e delle fizeram fazenda propria e no interesse dos capitalistas e industriaes extrangeiros que sugam até á ultima gotta o sangue do povo brazileiro e o arrastam á guerra para melhor o extorquir.

Que fique, porém, bem clara e definida a nossa attitude. *No nosso gesto, que consideramos logico, honesto, coherente, preciso, não ha e não pode haver solidariedade com os corsarios do mar, que esqueceram e reduziram a nada todos os principios de humanidade e que eram desde muito conquistas gloriosas da civilisação, mas uma especie de corsarios, por mais criminosa e feroz, não nos pode levar á solidariedade com outra especie não menos perigosa e cruel.*

E a culpa disso não é nossa.

* * *

E agora duas palavras aos nossos companheiros do Brazil.

Aconteça o que acontecer, não devemos esmorecer, nem deixarmos arrastar no vendaval que parece ameaçar a integridade e solidez da nossa construcção doutrinaria. Se ha quem proclame a fallencia do nosso ideal e de todas as aspirações que o personificam, a verdade é que esta guerra traduz a derrocada de todas as doutrinas burguezas, moraes, religiosas, sociaes.

Uma sociedade humana que se vangloria das suas instituições civis, que proclama a excellencia da sua religião de paz, fraternidade e amor, e que, não obstante, é impotente para impedir as guerras e os conflictos, entre os homens, que ella acceita como fatalidades necessarias, é uma sociedade de antemão condemnada a desapparecer, victima da sua propria incapacidade e dos crimes e desvarios que esta incapacidade gera.

Os nossos ideaes permanecem, felizmente, acima do grande desastre. Nenhuma responsabilidade lhes cabe no cataclismo que, a todo o transe, buscaram impedir.

Conservemo-nos, portanto, fieis a elles, mantendo acceso e vivo o fogo sagrado da justiça social, da fraternidade entre os homens, os quaes, amando o trabalho e a harmonia, não querem e não pretendem que no seu seio coexistam, como até aqui, escravos e senhores.

O nosso dia virá.

Casa Veronesi
— DE —
Alfredo Veronesi & Irmão
:: Avenida Rangel Pestana, 222 ::
(Telephone, 465 — Braz)
Material completo para installações electricas
Dispõe sempre de grande stock de material electrico da conceituada Comp. General Electric, de New York.

ESCOLA DE LINGUAS E (DACTYLOGRAPHIA)
Francez, Inglez, Italiano e Portuguez. O professor J. Mosca só ensina linguas, porém as ensina bem pois elle mesmo as aprendeu, com especial adestramento, nos Paizes respectivos.
-- Travessa da Sé, 11 --

A Livraria Renascença
á Rua Quintino Bocayuva, 45
Possúe um colossal sortimento de LIVROS NOVOS e USADOS que vende a preços sem competencia

TOSSE E MOLESTIA DO PEITO
USEM SEMPRE O
XAROPE DE GRINDELIA
DE OLIVEIRA JUNIOR
Poderoso calmante, tonico e expectorante
Pedir e exigir sempre: "Grindelia Oliveira Junior"
A' venda em qualquer pharmacia e drogaria. ARAUJO FREITAS & C. - Rio de Janeiro

Aos Lavradores
Não é reclame; é a expressão da verdade
ENGENHO STAMATO
Para moagem de canna, o mais moderno, mais simples e mais economico até hoje conhecido.
Cinco cilindros, sem engrenagens, com salva-guarda para evitar desastres. Já foi adquirido por milhares de fazendeiros que attestam a grande utilidade desta importante machina, privilegiada e premiada nas Exposições de S. Luiz, Rio de Janeiro, Milão, Turim e Bruxellas.
Economia e resistencia garantidas
Enviam-se informações e catalogos a pedido dos interessados.
Inventor e fabricante:
RAPHAEL STAMATO
Fundição e Mechanica:
RUA SANTA ROSA
Escriptorio:
RUA DO GAZOMETRO, 17
Caixa Postal, 429. — S. PAULO

As Formigas Saúvas. Depois de conhecida esta machina, como já a conhecem centenas de lavradores que sabem dos seus infalliveis effeitos contra a existencia das damninhas formigas, não haverá mais motivo de queixa dos prejuizos causados por tão terrivel praga.
Machina "Luiz da Silva"
Não são mais necessarios reclamos para tornar conhecidas as vantagens da machina «Luiz da Silva», bastam os testemunhos de centenas de lavradores que se consideram felizes em possuir a referida machina. e a fama justa que attestam os milhares de testemunhos que presenciam os maravilhosos effeitos e a economia que se verifica com a applicação da machina «Luiz da Silva» e do ingrediente "Buffalo".
Peçam informações á Sociedade Paulista de Agricultura -- Rua Libero Badaró, 125 -- S. Paulo.
Carrapatos. Contra a terrivel praga dos carrapatos tambem se encontra com a mesma Sociedade o infallivel carrapaticida marca «Touro».
E' sem duvida o melhor preparado, o mais efficaz e o mais economico. Peçam informações a respeito.
Diarrheia dos Bezerros. Contra diarrheia dos bezerros é «Cymarol» o remedio infallivel. Encontra-se com o depositario Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125-S. Paulo.
Feridas dos Animaes. Para curar quaesquer feridas de gado cavallar, bovino, etc., empregue-se «Bickmorine». Dirigir pedidos ao sr. Luiz da Silva, R. Libero Badaró, 125 -- S. Paulo.
La Hacienda. A melhor e mais elegante revista que se publica no mundo sobre todos os ramos da agricultura. Obtem-se a sua assignatura de um anno por 3 dollars e 60 centesimos e por 5 annos por 18 dollars, com direito a um elegante e finissimo relogio suisso dourado.
Assignaturas e todas as informações com o agente geral Luiz da Silva, Rua Libero Badaró, 125 -- S. Paulo.
Fazenda Moderna. A unica e mais completa obra nacional a cores, sobre a creação de gado, em um grande volume encadernado, escripta pelo conhecido e illustrado Dr. Eduardo Cotrim.
No Estado de S. Paulo encontra-se na Sociedade Paulista de Agricultura, com o depositario Luiz da Silva. Remette-se com porte pago por 21$500.

GRAVIDEZ
Unico preparado que a evita sem causar estragos á saude:
Philagina
Vende-se em todas as drogarias do Rio e de S. Paulo.
PREÇO: Caixa para cerca de 15 dias [illegible]
Para informações: Dr. Theodule Wolff — Caixa postal, [illegible] Rio, enviando [illegible] de sellos.

Fumem os saborosos cigarros
PARODIA
A' venda em todas as charutarias

"IDEAL" Fabrica de Doces
Ciuffi, Paciullo & C.
Importadores de vinhos portuguezes
Virgem, Verde de Amarante, Alvarelhão, do Porto, Anchovas, Azeitonas, Presuntos, Salames, Extracto de tomate e mais artigos de primeira necessidade.
Tem sempre em deposito o afamado vinho do Rio Grande do Sul, marca "PARTICULAR"
Av. Rangel Pestana, 298-A
Telephone, 542-Braz — S. PAULO

Casa Gennari
ALFAIATARIA E MODAS
Completo sortimento de Fazendas Nacionaes e Estrangeiras importadas directamente das melhores fabricas europeas.
No ramo de alfaiataria encontra-se sempre as ultimas novidades em verdadeiras cazemiras inglezas, recebendo mensalmente novas mercadorias.
ELEGANCIA NO CORTE - Trabalho aperfeiçoado na exigencia da moda.
OSMANO GENNARI
Avenida Rangel Pestana N. 247
TELEPHONE N. 163 - BRAZ
(Em frente á Estação do Norte)
Ternos sob medida de 60$ a 140$000

Casa Colli
Especialidade em BONBONS finos, CHOCOLATES das melhores marcas. — Rico sortimento dos melhores BISCOUTOS para chá.
Avenida Rangel Pestana N. 337
TELEPHONE 345 - BRAZ

Peço a palavra...
Para vos dizer que, si quizerdes ser bem servidos e bem tratados, deveis ir ao
Café Brasileiro
LARGO DO THESOURO, 2
onde sereis recebidos como verdadeiros fidalgos.